

COM UM BRAÇO EM CADA HEMISFÉRIO

Aricy Curvello

Um trilho sobre o Atlântico

Novembro de 1965, fim de tarde fria, em Lisboa. Ela caminhava apressada no calçamento antigo. Um salto de seu sapato achou de ficar preso numa das junções das pedras reboludas. Puxou-o com violência e o resultado foi a tira do calcanhar partida. Por causa do deslize na aparência pessoal, ela pensou em adiar a entrevista. Já se encontrava em frente ao endereço buscado. Travessa das Mônicas, 57. Entrou. Apresentou-se, preocupada com o sapato, escondendo um pé atrás do outro. E conheceu a grande poeta portuguesa que fôra entrevistar.

... Quando saí da casa de Sophia de Mello Breyner Andresen, começava a escurecer. Fazia frio. Apertei o casaco e caminhei. Meus sapatos tinham deixado de existir. Estava mergulhada num mundo de poesia e nele me procurava dali a muitos anos...

Vinte anos depois, em 1985, Maria de Lourdes Hortas certificou-se do que resultara de seus trabalhos e vigílias. Ela contava então com seis livros de poesia já publicados. E organizara duas antologias — *Palavra de mulher*,¹ de poesia feminina brasileira contemporânea, e *A cor da onda por dentro*,² de poemas para crianças. Presença em festivais e congressos, como o 4º Interamericano de Escritoras (México, 1981). Alguns prêmios importantes. Uma fortuna crítica em progressão.

... Estava mergulhada num mundo de poesia e nele me procurava dali a muitos anos...

Maria de Lourdes Hortas (MLH), a portuguesinha de São Vicente da Beira, onde nasceu em 1940, aos dez anos emigrou com

a família para o Brasil. Fixaram-se em Pernambuco, na cidade do Recife. Ali concluiria o Curso de Direito em 1964 e, em 1977, o de Letras. Em 1980, fato capital em sua biografia, ingressou no movimento alternativo das Edições Pirata, em que vem atuando de modo fecundo.

Trata-se de uma poeta nas raias da maturidade. Seus recursos aguçaram-se. Alguns de seus temas recorrentes foram solucionados. Ocorreu a depuração dos materiais. A máquina lírica fulgura em sua nudez de poema.

Desde seu livro de estréia, *Aromas da infância*,³ com o qual inédito obteve em 1963 o 1º Prêmio do Concurso de Manuscritos do Secretariado de Informações, de Portugal, ela vem desatando o seu lirismo. Vem desatando o seu canto com algo próximo ao som das velhas fontes de aldeia, "... da minha aldeia/ mina d'água entre serras".

Maria de Lourdes Hortas não se separa da grande tradição da poesia lírica ibérica. No entanto, por mais impregnada que seja das reminiscências e acentos poéticos da velha península, não faz poesia portuguesa. Antes a faz também do Recife, de Pernambuco, luso-brasileira. Os trópicos estão por demais presentes em seus poemas. MLH tem sido entre nós, sim, um desses poucos trilhos de ligação entre a poesia dos dois principais mundos do idioma português.

O sal em minha língua

Sua poesia embebeu-se das vozes de suas duas pátrias, o que enriquece o lastro de suas linguagens. Tal constatação é melhor afeita pela leitura desse complexo *Relógio d'água*,⁴ uma bela antologia de seus poemas. Rigorosa seleção levada a efeito em seus seis livros já publicados e em trabalhos recentes, o volume comemora os vinte anos de carreira de MLH nos modos e tempos da poesia.

O volume é bastante oportuno para uma análise geral da obra de MLH, trabalho ainda não ensaiado antes. Pelos poemas arrolados vê-se a preferência da Autora pelos versos ímpares. E são versos caracterizadamente de corte moderno e não clássico. Em busca efetuada, não encontrei um só verso endecassílabo dactílico ou arte maior, com dois hemistíquios e acentuação obrigatória na quinta, oitava e décima primeira sílabas. Encontrei sim o endecas-

sílabo moderno também chamado junqueriano, com acentuação na quarta e décima primeira sílabas.

Aparece o octossílabo clássico ou sáfico quebrado. No entanto a Autora utiliza-se muitas vezes de octossílabos com acentuação na quinta e oitava sílabas.

Quanto à metrificação, a Autora mantém um discreto compromisso entre o verso metrificado (clássico ou moderno) e o verso livre. Quanto aos ritmos sua preferência dirige-se para os que possibilitam manter a fluência do verso na direção do coloquial, e não da empostação ou de uma retórica hiperbólica. É quase um fio de voz o que lhe ouvimos ou lemos.

Na coleção observa-se que é brasileira uma relativa maioria dos esquemas frásicos. Evidente é que MLH tem poemas plenamente portugueses em sua bagagem, porém há mesmo poemas metrificados, como nos setissílabos seguintes, nos quais ocorre que:

Troquei o falar castiço
por sotaque
tropical
arrastado e mestiço.

(Fio de Iá)

O fato explica-se não apenas pela aculturação da menina portuguesa expatriada no Brasil. Vivemos em uma época em que a poesia brasileira tornou-se mais importante que a lusitana, esta mais cerebral, mais epigramática, fabricada demais em vista das influências de Fernando Pessoa. "No século atual a poesia brasileira tem mais força..." reconheceu Mestre Jacinto do Prado Coelho em entrevista a MLH, em 1965, quando ela era bolsista da Fundação C. Gulbenkian, em Lisboa.

Uma fatura lírica

O dilema da expatriada é bastante sensível na primeira obra de MLH, *Aromas da infância*, escrita por volta de 1963. Os poemas da aldeia (*Evocação de aromas*, *Poema a minha aldeia*, *Vale*, etc.) deixam esvair-se "rosários de granizo ou salmos de andorinhas". E a partida:

Um corpo é, apenas, um trilho:
nele passam vários comboios.
Só de ida.

(Trilho)

Após a partida dos emigrantes, alguém pode bater à porta e perguntar pela portuguesa:

Alguém com certa semelhança comigo
como parente próximo
dirá que fui a melhor, a mais linda
de uma perfeição de quem morreu.

(Quadro)

O processo do amadurecimento é uma forma incômoda de ser. Mais penoso ainda o amadurecer para uma identidade maior, não apenas lusitana, agora luso-brasileira, um trilho nas duas direções. MLH começa a enunciar essa consciência:

Abri os braços
para equilibrar-me
na linha imaginária
Equador.
E tive um braço em cada hemisfério
e minhas mãos foram cataventos

O título do poema acima é esclarecedor: "Equilíbrio". Leia-se, também, "Transfusão", em redondilha maior:

Onde chora tua sina
passo com meu realejo.

Onde a vida te pôs fel
ponho ternura de beijo.

Por um largo espaço de tempo, quatorze anos, a poeta silenciou para o público. De 1965 a 1979. Período que corresponde aos anos mais brutais das ditaduras militares que infelicitaram o Brasil. E Portugal vivia sua grande crise da agonia do salazarismo e a Revolução dos Cravos, enquanto o Ultramar ensangüentado se fragmentava em novas nações lusófonas. Lançou então o seu segundo livro, *Fio de Iã*.⁵ Os poemas deste livro selecionados para

Relógio d'água indicam que é outra a estatura da poeta. A jovem expatriada de antes é agora a mulher experiente e aguda.

Se ela nos confia que, ao embarcar em criança no Tejo, tinha um xailinho para frio, que os mares desmancharam em nove-lo, a ponta inicial daquele fio de Iã

...
ficou por certo amarrada
do outro lado.

...
Aquele fio azulado
que reteve o meu cantar
longe, longe
do outro lado,

também nos deixa entrever que há algo a mais, bem maior que o simples fio de Iã, porque suas duas pátrias encontram-se em grave situação:

Sou a que, ao meio-dia
em praça desolada
obliquamente despeja sua sombra
para sentir-se acompanhada.

Sou a que está em alto mar
mão sobre os olhos procurando o vento
atrás, em volta, à frente
sem uma ponte para o continente.

(Vertical)

O que ela descortina do mundo e da época não é de molde a fazê-la juntar-se ao coro dos otimistas profissionais à sombra do Poder, seja ele qual for. Em "Palavras-sangue":

Enlouqueci de vez
quando acordei
com o vosso cantochão de lúcidos

...
Não adianta sobre mim
estar passando esse tropel de apocalipse.
Degolar, esmagar, queimar, explodir

...
De resto
as palavras substituíram meu sangue nas veias.
E no meu horto

agonizo
suando palavras
por todos os poros.

A respeito do livro *Fio de Iã*, Mauro Mota registrou em artigo no jornal *Diário de Pernambuco*, de 22/6/1980: A fascinante Maria de Lourdes Hortas só com o seu poema *Três pré-acalantos*, de implicações muito além da primeira leitura, recebe o passaporte para qualquer antologia da nova poesia em língua portuguesa.

Em seu terceiro livro, *Giestas*,⁶ encontra-se um dos pontos altos de sua obra, o longo poema "Canção de volta à aldeia", em que concretizou e esgotou as possibilidades de um tema seu recorrente. Em atmosfera mágica, de sonho, o desfecho ocorre "ao tocares o sino de minha aldeia":

as estrelas acudindo ao teu chamado
se foram espelhando pelos campos
virando pirilampus.

Em *flauta e gesto*,⁷ o livro seguinte, o crispamento de:

Outra vez esta navalha me trespassa.
Urtigas outra vez nascem de mim.
Outra vez
antes do pleno amor
o pleno fim.

A poeta já se encontra senhora dos recursos líricos e do conhecimento das coisas-ofertas e coisas-perdas que são a vida. A concisão, toques lancinantes, exclusão do desnecessário, a nudez da palavra emocionalizada — o fenômeno poético de MLH já ocorre em alturas mais altas nos mais recentes poemas, como em "Prisão perpétua":

Então
o masculino Senhor disse
vai, Eva, e nutre a vida
com o suor de teus sonhos.
Não te esqueças, mulher,
que inventaste o amor
e isso é impossível.

Uma rara antologia de poetas portugueses

Como se não bastasse a surpresa de *Relógio d'água*, Maria de Lourdes Hortas lançou, simultaneamente, outra surpreendente antologia de poesia.

Em 1965 obtivera bolsa da Fundação C. Gulbenkian para empreender um levantamento do que mais importante havia acontecido, na área da poesia portuguesa, desde Fernando Pessoa. Entre mil e um incidentes e peripécias, o levantamento foi efetuado, com poemas manuscritos, autógrafos, fotos, inclusive depoimentos das figuras mais representativas.

Durante vinte anos Maria de Lourdes Hortas carregou a obra como quem transporta um espinho cruciante em alguma parte do corpo ou do espírito, ou em ambos. Rondou editoras e instituições no Brasil. Restava tentar os jornais. E pela primeira vez alguém a ouviu — o editor do *Suplemento Literário do Jornal do Comércio*, do Recife. Ao longo de domingos, durante vários meses do ano de 1966, parte do material foi publicado. E o preço pago foi alto, com o extravio de fotos, bem como de poemas inéditos e manuscritos.

Uma segunda solução surgiu com 1980. E uma condensação do trabalho foi publicada no número oito da revista *Poesia*, da Nordeste, do Recife.

A edição completa, e muito bem cuidada, foi lançada finalmente em 1985, pelas Edições Pirata, com o título de *Poetas portugueses contemporâneos*. Mais um título excelente vem juntar-se à bibliografia de Maria de Lourdes Hortas, trilho de ligação a unir dois mundos.

NOTAS

1. HORTAS, Maria de Lourdes. *Palavra de mulher*. Rio de Janeiro, Ed. Fontana, 1979.
2. ——. *A cor da onda por dentro*. Recife, Ed. Pirata, 1981.
3. ——. *Aromas da infância*. Lisboa, Ed. Panorama, 1966.
4. ——. *Relógio d'água*. Recife, Ed. Pirata, 1985.
5. ——. *Fio de Iã*. Recife, Gabinete Português de Leitura, 1979.
6. ——. *Giestas*. Recife, Ed. Pirata, 1980.
7. ——. *Em flauta e gesto*. Recife, Ed. Pirata, 1983.